

2ª quinzena de janeiro de 2001

**A
D
V
E
R
S
O**

Jornal da Adufrgs

nº 75

Uma nova imprensa. Solidária, coletiva, que visa estabelecer uma relação menos mercantilista com a informação. Na Ciranda Internacional da Informação Independente (CIIIIn), dezenas de jornalistas estarão trabalhando coletivamente para a cobertura do 1º Fórum Social Mundial, coordenados pelo jornalista Antonio Martins. A produção de todos será compartilhada pelos órgãos de imprensa que integram a CIIIIn.

Página 12

Fórum Social Mundial
um outro mundo é possível

A outra cara do planeta

De 25 a 30 deste mês, milhares de pessoas de todos os cantos da Terra que sonham e lutam por um mundo melhor participam em Porto Alegre do 1º Fórum Social Mundial. Durante cinco dias eles estarão apontando novos caminhos para um mundo melhor, calcado na garantia de direitos para todos os seres humanos. É a semente do ideal de uma globalização sem exclusão, democrática e solidária.

Nesta edição

Vittore Carpaccio



O futuro em Porto Alegre

As previsões de Nostradamus sempre estiveram presentes em todos os acontecimentos importantes que ocorreram nos últimos anos. Dizem os entendidos que ele previu as duas últimas grandes guerras, a escolha do Papa que viria do leste, entre outras. Uma das suas previsões, que não se realizou, é que um grande confronto entre o norte e o sul assolaria o mundo.

Cabe ao norte, hoje, a hegemonia do neoliberalismo globalizante, com seus capitais voláteis mudando na velocidade da luz percorrendo o mundo. Ao sul cabe o lugar de ser alimentador dos capitais na busca de sua estabilidade monetária e ficar com as sobras na ilusão de se tornar rico um dia. O resultado é a concentração de renda cada vez maior nos países do hemisfério norte, tornando-os cada vez mais ricos e aos do sul restam as dívidas de uma conta cada vez maior e impagável.

A saída para um mundo possível, onde a riqueza possa ser desfrutada por todos acabando com as desigual-

dades, começa a ser construída nos dias 25 a 30 em Porto Alegre, no Fórum Social Mundial. A presença de 10 mil pessoas envolvidas nas diversas atividades do Fórum mostram que é um exército inicial com capacidade de multiplicação incalculável e com resultados imprevisíveis já que a cada ano aumenta a resistência ao projeto globalizante do neoliberalismo. Os neoliberais afirmam que as consequências de suas ações nunca podem ser dimensionadas e, portanto, não podem ser acusados e julgados por elas.

Como um contraponto a Davos, onde os ricos vão discutir suas estratégias para aumentar seus lucros, o evento de Porto Alegre passa a ser a reunião dos pobres para discutir como é possível construir uma alternativa de solidariedade globalizante.

O confronto entre o norte e o sul, previsto por Nostradamus para este novo milênio, estará iniciando em Porto Alegre. A intensidade e as armas a serem usadas neste confronto caberão a Davos decidir.

Amazônia sustentável

Um projeto da Universidade de Brasília (UnB) quer promover o desenvolvimento sustentável da Amazônia. O objetivo é investir na exploração dos recursos da região para garantir o seu sustento. A fabricação de sabonetes, a extração de aromatizantes e a elaboração de produtos derivados da borracha aparecem como alternativas econômicas para que as populações da região aproveitem os recursos da floresta e não tenham que migrar para outras áreas em busca de melhores condições de vida. De acordo com os pesquisadores da UnB, cada habitante da Amazônia é um guardião da selva, mas quando perde os recursos econômicos se transforma em um predador, ou migra, tornando-se um "pária social". O projeto tem um investimento de 400 mil dólares da Organização Internacional de Madeiras Tropicais, apoiado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Chicletes e bolas de golfe

Entre 1994 e 1998, o instituto da UnB fez um mapeamento de 509 produtos extraídos da selva – de borracha a plantas medicinais, passando por sementes comestíveis e oleaginosas. Entre os produtos classificados, há espécies de resinas que permitem fabricar chicletes e bolas de golfe, mas que foram substituídas por produtos sintéticos no mercado, o que deixou seus extratores sem emprego. Em resposta, o projeto prevê a fabricação de sabonetes e óleos amazônicos em uma fábrica localizada em Belém (PA). Outra fábrica pode ser instalada em Santarém para processar extrato de cumaru – semente usada como aromatizante de chocolates e tabacos e como fixador de perfume. A terceira iniciativa inclui o processamento de borracha para elaboração de produtos de alta qualidade em Manaus (AM).

Ressaca

O Museu de Ciências de Londres mostra, numa nova exposição, cinco medidas fáceis para aliviar os efeitos de grandes noitadas. A primeira recomendação é ingerir muita vitamina B6 durante e após o consumo de álcool, o que reduz em até 50% a intensidade das ressacas. Ela é encontrada no arroz integral, no germen de trigo, na aveia e granola. Amendoim, nozes e castanhas também são fontes de B6, assim como os pães integrais e as batatas. Em segundo lugar, recomenda-se terminar a noite com uma bebida isotônica (Gatorade, Marathon, ProSport) bem adoçada, para ajudar o organismo a repor o açúcar perdido. Outra dica é comer enquan-

to se bebe – isto reduz a rapidez com que o álcool é absorvido pelo organismo –, e beber água durante a noite, o que impede o encolhimento dos órgãos internos. Entre os destilados, recomenda-se ingerir bebidas claras. Quanto mais escura a bebida, mais impurezas (como o metanol) ela contém.

Porto-alegrês no Fórum

O Dicionário de Porto-alegrês, de Luis Augusto Fischer, virou ferramenta de trabalho para os organizadores do 1º Fórum Social Mundial. No meio da babel em que se transformou a sala 413, no quarto andar do prédio 40 da PUC, onde se misturam palavras em francês, espanhol, inglês, alemão, português etc, os dicionários são fundamentais. Na pilha ao lado dos jornalistas, entre Aurélio e Oxford, alguém colocou o best-seller das duas últimas Feiras do Livro de Porto Alegre. Algum jornalista de outro Estado, mais prevenido, prefere tê-lo à mão para decifrar as muitas palavras incompreensíveis para quem não vive nessas bandas do País.

Ufrgs e Emater

A Ufrgs e a Emater assinam convênio para a realização do curso de especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável e Agroecologia. O corpo docente é formado por dez professores da faculdade de Agronomia, de Ciências Econômicas e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. O projeto pedagógico é dirigido a 20 dos 46 supervisores das dez regionais da Emater.

Febre Amarela

Quem vai viajar para áreas próximas às matas das regiões Norte e Centro-Oeste precisa se proteger da febre amarela. O mosquito transmissor infectou 84 pessoas no ano passado e matou 39 delas. Apenas cinco pessoas declararam ter se vacinado contra a doença. A vacina mantém a imunidade durante dez anos.

Cadernos do Diplô

Estará sendo lançada, durante o Fórum Social Mundial, a segunda edição dos Cadernos Le Monde Diplomatique (Diplô Brasil). A Adufrgs é uma das entidades que patrocinam a publicação. O tema será "Um novo mundo urbano é possível". A primeira edição dos cadernos no Brasil versou sobre "A globalização no mundo do trabalho".

Diretoria

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Programação

Mais de 300 oficinas. Cerca de 100 painelistas representando todos os continentes do planeta. Dezoito shows confirmados para o anfiteatro Pôr-do-Sol. Dois mil e oitocentos delegados representando 80 países. E uma expectativa de participação de cerca de 10 mil pessoas. Sem dúvidas é o maior evento de contestação ao neoliberalismo de todo o mundo. Confira abaixo as principais atrações do evento.

Dia 25

Tarde

15h - Salão de Atos da PUC - Solenidade de Abertura

17h - Largo Glênio Peres - Marcha Contra o Neoliberalismo e pela vida.

Noite

Show de abertura no Anfiteatro Pôr-do-Sol Leonardo, All. Alucinacions III com Pedro Ferres Sorribas (Espanha/Brasil), Vítor Ramil, Síntesis (Cuba).

Dia 26

Manhã

PUC

Como construir um sistema de produção de bens e serviços para todos?

Victor de Gennaro, presidente da Central de Trabalhadores da Argentina, Helena Hirata, socióloga; Jorge Beinstein, economista argentino; Samir Amim, economista egípcio; Orlando Caputo, economista chileno; Francisco dos Reis, empresário argentino.

Como traduzir o desenvolvimento científico em desenvolvimento humano?

Paul Nicholson (Bélgica), Elvino Bohn Gass (Brasil), PT/RS; Jacques Testart (França), biólogo; Rayén Quiroga (Chile), economista; Suman Sahai (Índia), bióloga; José Lutzenberger (Brasil), ecologista.

Como fortalecer a capacidade de ação das sociedades civis e a construção do espaço público?

François Houtart (Bélgica), presidente do Centro Tri-Continental Conferencistas - Frei Betto (Brasil), escritor; Park Hasson (Coreia do Sul), Diane Matte (Canadá); Mary Castro (Brasil), socióloga.

Quais são os fundamentos da democracia e de um novo poder?

Ben Bella (Argélia), líder da libertação da Argélia, Maria Benevides (Brasil) socióloga; Patrick Viveret (França), filósofo; Raul Pont, ex-prefeito de Porto Alegre; Jeanine Anderson (Peru), antropóloga.

Noite

18h - Seminário "A resistência à globalização neoliberal", no Auditório da Faculdade de Economia da Ufrgs (Economia parasitária, exclusão social e

autoritarismo).

19h - Fórum de Autoridades Locais Pela Inclusão Social, no Auditório do hotel Deville.

Shows: Bidê ou Balde, Nando Reis, Nação Zumbi

Dia 27

Manhã

PUC

Que comércio internacional queremos?

Bernad Cassen (França), diretor-geral do Le Monde diplomatique, Dot Keet (África do Sul), professor; Walden Bello (Filipinas), sociólogo; Kjeld Jakobsen (Brasil), CUT; Mark Ritchie (EUA), Oded Grajew (Brasil).

Como garantir o caráter público dos bens comuns à humanidade, sua desmercantilização, assim como o controle social sobre o meio ambiente?

Roberto Kishinami (Brasil), diretor-geral do Greenpeace, Marina Silva (Brasil), senadora PT; Riccardo Petrella (Itália); Marcel Mazoyer (França), Instituto Nacional de Agronomia; Ernesto Guevara (México).

Como assegurar o direito à informação e a democratização dos meios de comunicação?

Ignacio Ramonet (Espanha), diretor do Le Monde Diplomatique; Regina Festa (Brasil); Norman Solomon (EUA), crítico de mídia; Aruna Roy (Índia); Thimoty Ney (EUA).

Como democratizar o poder mundial?

Fábio Konder Comparato (Brasil), Kirsten Moller (EUA), Global Exchange; Atilio Borón (Argentina) Conselho Latino Americano de Ciências Sociais; Anibal Quijano (Peru), sociólogo; Manoel Monereo (Espanha).

Tarde

12h30 - Fórum de Autoridades Locais Pela Inclusão Social, no Auditório do hotel Deville

14h - Seminário "A resistência à globalização neoliberal", no Auditório da Faculdade de Economia da Ufrgs.

14h30 - "Plano Colômbia: Ameaça à Amazônia e à Soberania dos Países Latino-americanos", Auditório da Faculdade de Arquitetura da Ufrgs

14h - Fórum Parlamentar Mundial

Shows: Zilah Machado, Leci Brandão, Beth Carvalho, Estado Maior da Restinga

Dia 28

Manhã

PUC

Que sistema financeiro é necessário para assegurar a igualdade e o desenvolvimento?

Yoko Kitazawa (Japão), presidente do Jubileu 2000, Eric Toussaint (Bélgica), Luciano Coutinho (Brasil), economista; Robin Round (Canadá), ativista da "Halifax Initiative"; Georgine Djeutane (Camarões), economista; Denis Rivera (EUA).

Como promover a universalização dos direitos humanos e assegurar a distribuição de riquezas?

Kalaysh Satyrti (Índia), Marcha Global contra o Trabalho Infantil, René Passet (França), economista; Gigi Francisco (Filipinas), Rede Dawn; Joyce Phekane (África do Sul); Eduardo Suplicy (Brasil), senador PT.

Quais os limites e possibilidades da cidadania planetária?

Njoki Njehi, representante do "50 Years is Enough", Boaventura de Sousa Santos (Portugal), sociólogo; Ana Esther Ceceña (México); Hillary Wainrigh (Inglaterra); Silvy Boren (Holanda), Novib Oxfam; Virgínia Vargas (Peru).

Qual o futuro dos Estados-Nações?

Ricardo Alarcón (Cuba), presidente do Parlamento Cubano, Maude Berlow (Canadá), escritora; Emir Sader (Brasil), sociólogo; Roberto Sávio (Itália); Michael Lowy (Brasil), sociólogo; Friedrich Heidelberg (Alemanha), filósofo.

Tarde

Fórum Parlamentar Mundial

14h - Plenária de resoluções e encaminhamentos

Noite

Shows: Da Guedes; Ultramen; Lobão; DJ Adnan e DJ Double (EUA)

Dia 29

Manhã

PUC

Como garantir as múltiplas funções da terra?

Dau Thê Thuan (Vietnã), Instituto Nacional

de Ciências Agrônomas, Jacques Chonchol (Chile), ex-ministro da agricultura; Tânia Bancelar (Brasil), economista; Andrzej Lipski (Polônia); Anuradha Mittal (Índia), co-diretora da Foodisrt.

Como construir cidades sustentáveis?

Milton Santos (Brasil), geógrafo, Ermínia Maricato (Brasil), coordenadora do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos; Cuauhtémoc Cárdenas Solórzano (México); Peter Marcuse (EUA); Luiz Eduardo Soares (Brasil), antropólogo e cientista político.

Como garantir as identidades culturais e proteger a criação artística da mercantilização?

Alfredo Guevara (Cuba), Blanca Chancoso (Equador), Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador; Tariq Ali (Paquistão), escritor; Armand Mattelar (Bélgica), sociólogo; Clóvis Moura (Brasil); Aminata Traoré (Mali).

Como mediar os conflitos e construir a paz?

Nora de Cortiñas (Argentina), presidente das Mães da Praça de Maio; Lucio Gutierrez (Equador); Samuel Guimarães (Brasil), embaixador; Sérgio Yahn (Israel/Palestina); Pedro Santana Rodrigues (Colômbia).

9h - Plenária Final do Acampamento dos Povos Indígenas, Confederação dos Tamboios.

Tarde

14h - "Concepções e experiências brasileiras de promoção de Economia Solidária e Autogestão". Paul Singer; Cido Faria; Edmilson Brito Rodrigues; Marinês Besson; Valério Preis; Prédio 41, sala 2, PUC

18h - Seminário A Resitência à Globalização Neoliberal, às 18h, Auditório da Faculdade de Economia da Ufrgs.

Noite

Shows: Tangos e Tragédias; Nei Lisboa; Tom Zé

Dia 30

Tarde

ENCERRAMENTO

De 22 a 29, na Usina do Gasômetro e na sala 407 do prédio 40 da PUC estarão sendo exibidos documentários temáticos

Dia 22 - Os Poderes e a Manipulação da Mídia

Dia 23 - Um olhar sobre as conseqüências

Dia 24 - América do Sul não esqueceu suas ditaduras militares

Dia 25 - Retrospectiva dos protestos contra as instituições do neoliberalismo e sua coordenação mundial

Dia 26 - Especial Plano Colômbia

Dia 27 - Os Poderes e a Manipulação da Mídia

Dia 28 - Os Zapatistas e a nova proposta de sociedade

Dia 29 - Plano Colômbia

Dia 30 - Música e resistência

- Exibições na Sala PFGastal da Usina do Gasômetro, nos dias 22 e 29/01 (das 18h às 22h)

- Exibições continuadas na TV Usina entre os dias 23 e 30/01 (das 15 às 22h)

- Exibições continuadas na sala 407 do prédio 40 - Centro de Convenções da PUC/RS, no centro do Fórum Social Mundial, entre os dias 26 e 29/01 (das 14 às 18h)

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Ufrgs também será palco

Fotos Fabricia Osanai



A participação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Fórum Social Mundial será "profunda, ampla, significativa e fundamental". É assim que define o jornalista Carlos Tibúrcio representante da Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos (Attac) e membro do Comitê de Organização do evento.

Juntamente com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), a Ufrgs vai atuar como entidade apoiadora, oferecendo sua estrutura para debates, painéis, seminários e outros eventos. De acordo com a professora da Faculdade de Educação (Faced) e delegada da Ufrgs no Fórum, Carmem Craidy, "tudo o que for solicitado à Universidade pelo Comitê de Organização do Fórum, dentro do possível, será oferecido".

Até o fechamento desta edição estavam praticamente confirmadas a participação da Faculdade de Educação (Faced), da Faculdade de Economia, do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (Ilea), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Escola Superior de Educação Física (Esef), da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) e do Departamento de Alojamento, Alimentação e Lazer da Pró-Reitoria de Infraestrutura (DAA). A professora Carmem diz que este apoio será por meio de cessão de espaço físico, de equipa-

mentos e pessoal disponível, como professores, diretores de unidades, funcionários e alunos.

Fabico

O curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação fará cobertura do evento através de boletins diários e debates realizados na Rádio da Universidade. De acordo com a professora de jornalismo Sandra de Deus, os alunos dos projetos experimentais em jornalismo gráfico e impresso farão edições especiais da revista "Sextante" e do jornal "Três Por Quatro" sobre o Fórum.

Adufrgs

A Associação dos Docentes da Ufrgs é uma das apoiadoras da oficina "Plano Colômbia: Ameaça à Amazônia e a Soberania dos Países Latino-americanos", que acontece dia 27 de janeiro às 14h30m no Auditório da Faculdade de Arquitetura. Participam da oficina o cientista político Hector Moncayo; o advogado do Comitê Permanente dos Direitos Humanos da Colômbia Pietro Alarcón; e representantes das Farc. Quem promove o evento é o Comitê em Defesa da Soberania e Autodeterminação dos Povos.

A Adufrgs também participa, em conjunto com

a Attac, Carta Maior e Le Monde Diplomatique, do debate "Contribuição das Experiências Locais para a Construção de um Mundo Melhor" em que estarão presentes o governador Olívio Dutra, a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, o diretor-geral do Le Monde Diplomatique, Ignácio Ramonet, e o ministro francês da Economia Solidária, Guy Hascoët. A realização será no Teatro da Ospa às 16hs do dia 26 de janeiro.

Faced

O Comitê da Faced vai coordenar e organizar 12 seminários e debates. Entre os debatedores estão o ex-reitor da Ufrgs prof. Hélgio Trindade e a atual reitora da Ufrgs, Wrana Panizi, o prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, o reitor da Universidade de Brasília, Lauro Morhy, representantes do MST, das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (Farc), do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e da Organização de Libertação da Palestina (OLP). O Comitê da Faced é formado pelo professor Carlos Machado, do Departamento de Estudos Básicos (Debas), pela professora Marie Jane Carvalho do Departamento de Ensino e Currículo (DEC), pelo Diretório Acadêmico da Faculdade e por membros do Cpers/Sindicato, Sinpro/RS, SMED/POA, Atempa, além da professora Carmem Craidy.

Abaixo estão descritos os eventos realizados ou coordenados pela Faced e Faculdade de Economia**FACED****26/01****Desenvolvimento local, sustentável e solidário e políticas públicas** (sala 601)

Das 14h30min às 17h30min

Promoção Ibrap (Instituto Brasileiro de Ações Populares)

Coordenação: Nassim Mehdeff (secretário de Políticas Públicas de emprego do Ministério do Trabalho)

Integrantes da mesa: Uassy Gomes da Silva (ex-secretário de Finanças de Goiânia e membro do Ibrap); Zaire Rezende (prefeito de Uberlândia); José Teodoro Soares (reitor da Universidade do Vale do Acaraú-Sobral/ Ceará); Marco Fábio Mourão (assessor parlamentar no Congresso Nacional e membro do Ibrap); Francisco de Assis Castro Gomes (gerente regional do Governo do Estado do Maranhão e membro do Ibrap).

Fórum de educação infantil (sala 101)**Fórum de educação de jovens e adultos** (sala 608)

Das 17h30min às 19h

Promoção e coordenação Faced

27/01**A universidade em questão: do desenvolvimento científico ao desenvolvimento sustentável e humano** (sala 601)

Das 14h30min às 17h30min

Promoção Ibrap

Coordenação: Benício Viero Schmidt (diretor do Ceppac – Centro de Pesquisas e Pós-Graduação sobre a América Latina e o Caribe – da Universidade de Brasília, e membro do Ibrap) Integrantes da mesa: Renato Oliveira (Secretário de Ciência Tecnologia do Governo do Rio Grande do Sul; Hélgio Trindade (professor e ex-reitor da Ufrgs; Lauro Morhy (reitor da Universidade de Brasília); Wrana Maria Panizzi (reitora da Ufrgs).

Oficina: O papel das religiões na construção de um mundo diferente (sala 608)

Das 14h30min às 17h

Promoção grupo de articulação inter-religioso do fórum social mundial

Coordenação: Marino Bohn

Debate dos projetos educacionais dos governos populares democráticos de Prefeituras (sala 101)

Das 17h30min às 19h

Promoção comitê Faced/Ufrgs

Coordenação: Comitê Faced/Ufrgs

Integrantes da Mesa: Secretários de Educação das Prefeituras de Belém, Porto Alegre e Belo Horizonte

Rede de planejadores urbanos pela justiça social (sala 101)

Das 19h às 22h

Promoção USP/Arquitetura

Coordenação: Prof. João Whitaker

Integrantes da Mesa: Wrana Maria Panizi (reitora da Ufrgs), Ermínia Maricato (coordenadora do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos e coordenadora da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-USP), Eliomar Coelho (vereador RJ representando o IPPUR-UFRJ), Peter Marcuse (Planners Network e Universidade de Columbia EUA), José de Filipe (prefeito de Diadema) e Edmilson Rodrigues (prefeito de Belém).

28/01**Poder Político e Utopia: Nova Ética do Poder, desde o Local ao Mundial.**(sala 601)

Das 14h30min às 17h30min

Promoção Ibrap

Coordenador: Lauro Morhy (reitor da Universidade de Brasília).

Integrantes da Mesa: Michael Lowy (Universidade de Paris), Tarso Genro (prefeito de Porto Alegre), Pedro Wilson (prefeito de Goiânia/Goiás), Suzana Albornoz (Universidade de Santa Cruz do Sul/RS); Raimundo Caramuru Barros (Ibrap); Luiz Gonzaga de Souza Lima (Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

Acampamento reúne três mil jovens

A expectativa inicial de representação no Acampamento Intercontinental da Juventude no parque da Harmonia já está superada, segundo os organizadores do Fórum Social Mundial. Espera-se que em torno de três mil jovens do Uruguai, Argentina, México, França, Itália, Tailândia e Brasil participem do evento que acontece durante o FSM.

Segundo André Mombach, do Comitê de Juventude, são esperados, também, representantes da juventude do Exército Zapatista de Libertação Nacional e das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas.

Um dos principais objetivos das plenárias organizadas pelo Comitê de Juventude é afirmar a criação de novos referenciais de sistemas de governo e economia. A discussão política deve centrar-se em três eixos básicos: trabalho, educação e opressões específicas – que vão desde a questão da livre orientação sexual até discussões sobre drogas. "As idéias são diversas, e isso é próprio do Fórum", afirma Mombach.

Ele acredita que a geração de jovens que vem a Porto Alegre está cada vez mais mobilizada: "Essa geração viu símbolos – que poderiam representar alternativas – ser substituídos por um clima de pensamento único".

Para o uruguaio Pablo González, estudante de Direito e Ciência Política e integrante da Federação de Estudantes Universitários do Uruguai, que virá a Porto Alegre acompanhado de uma delegação de aproximadamente 100 pessoas, o FSM será um "momento único para juventude que sofre as consequências de um modelo econômico desumano, que se aplica de forma globalizada e que deve receber uma resposta também globalizada". González acha que iniciativas como o FSM já demonstram que "há uma discussão profunda que vem consolidando ferramentas para se dar a resposta ao liberalismo".

Entre os grupos que estarão representados no acampamento, se destaca o movimento Hip Hop, que está crescendo como uma nova força política. A intenção dos líderes do Hip Hop é fazer do Acampamento da Juventude um marco para colocar-se como um movimento juvenil no mesmo nível dos mais tradicionais. O DJ Tom (Everton Júnior Silva Costa),

que faz parte da organização do evento, explica que "quando se fala em juventude, esquece-se da juventude mais sofrida, a da periferia. Parece que socialmente só se reconhece como juventude quem está nesses meios universitários, só que a periferia está organizada em função movimento Hip Hop." Segundo ele, o objetivo das oficinas do Hip Hop é dar uma linha mais politizada às expressões culturais que formam o movimento, propiciando que as pessoas envolvidas formem um pensamento crítico.

Acampamento indígena

Junto ao acampamento da juventude, na parque da Harmonia, o Acampamento Mundial dos Povos Indígenas deve reunir pelo menos 500 líderes de tribos sul-americanas. A assembleia de inauguração, intitulada Confederação dos Tamoios (homenagem à primeira resistência indígena no Brasil, de 1555 a 1567), acontece no dia 26 de janeiro.

Entre os temas que serão abordados no espaço da Confederação dos Tamoios estão questões envolvendo terra, organização indígena, avaliações do impacto da globalização neoliberal e sua relação com a sobrevivência da cultura indígena.

Segundo Maria Luiza Santos Soares, coordenadora executiva do Conselho Estadual dos Povos Indígenas, os poucos recursos financeiros das tribos podem dificultar a reunião de um número mais expressivo no acampamento indígena. "E seria besteira pensarmos no futuro dos índios como um futuro inserido no mercado", diz, lamentando o fato de o encontro não abranger um número maior de delegados.

Uma das discussões mais importantes durante o Acampamento dos Povos Indígenas diz respeito à Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho. Essa convenção, redigida em 1989, fala sobre direitos dos povos indígenas e ainda não foi assinada pelo governo brasileiro. "Esperamos tirar no mínimo um documento para que o governo brasileiro assinasse essa convenção", afirma Maria Luiza. A organização dos debates vai respeitar uma característica cultural indígena: não haverá painelistas e todos que se inscreverem poderão falar.

Movimentos Revolucionários de Educação

(sala 101)

Das 17h30min às 19h

Promoção Comitê Faced/Ufrgs

Coordenador: Carlos Machado (Comitê Faced/Ufrgs)

Integrantes da Mesa: Representantes do MST, Forças Armadas Revolucionárias Colombianas, Exército Zapatista de Libertação Nacional, Organização de Libertação da Palestina.

29/01

Multi-culturalismo: paradoxos entre igualdade e diferença

(sala 601)

Das 14h30min às 17h30min

Promoção Ibrap

Coordenação: Carlos Alves Moura (presidente da Fundação Palmares – Ministério da Cultura).

Integrantes da Mesa: Boaventura de Sousa Santos (professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra-Portugal); Evelina Dagnino (Universidade de Campinas - São Paulo); Maria da Glória Moura (professora da Universidade de Brasília); Lia Zanotta Machado (assessora de Assuntos Internacionais da Universidade de Brasília); Myriam Jimeno (antropóloga do Centro de Estudos Sociais da Universidade Nacional da Colômbia).

Educação e Humanismo

(sala 608)

Das 14h30min às 17h

O Solidário Profissional em Projetos de Educação Popular (sala 101)

Das 17h30min às 19h

Coordenação: prof. Nilton Bueno Fischer - Comitê Faced/Ufrgs

Integrantes da Mesa: Jane Mari de Souza, Nilda Beatriz Shiaradia, Maria Beatriz Tilton, Neca Grassoti Peixoto

ECONOMIA

A Faculdade de Economia vai disponibilizar o auditório, com capacidade para 300 pessoas, para o seminário "A resistência à globalização neoliberal".

26/01

Economia parasitária, exclusão social e autoritarismo – 18h

Debatedor/coordenador: Paulo Visentini (historiador e diretor do Ilea/Ufrgs);

Relator: Raul Carrion (Historiador e Coordenador do Cedesp/RS)

Conferencistas: José Cademartori (economista chileno);

Emir Sader (sociólogo brasileiro-RJ); Miguel Urbano Rodrigues (escritor português)

27/01

A resistência e a luta dos povos contra o neoliberalismo – 14h

Debatedor/coordenador: Miguel Rosseto (vice-governador do RS)

Relator: Jorge Cruz (diretor do Semapi e do Attac/RS)

Conferencistas: João Pedro Stédile (economista e dirigente do MST/Brasil); Ana Esther Ceceña (economista e estudiosa de Chiapas); Victor De Gennaro (presidente da CTA/Argentina); Blanca Chancoso (relações internacionais do Co-naie/Equador); representante das Farc (Colômbia).

29/01

A construção de uma alternativa à barbárie – 18h

Debatedor/coordenador: Tarso Genro (prefeito de Porto Alegre)

Relator: Rafael A. Cunha (economista e presidente da Sociedade de Economia/RS)

Conferencistas: Samir Amin (economista e sociólogo/ Egito); Isabel Rauber (filósofa e politóloga/ argentina radicada em Cuba); Luís Fernandes (economista e cientista político/ Brasil-RJ)

SOCIEDADE

A globalização que inclui

O Fórum Social Mundial não é propriamente um evento antiglobalização, como vêm afirmando alguns meios de comunicação, mas uma articulação de organizações políticas e sociais do mundo inteiro que se opõem ao atual modelo baseado principalmente na hegemonia do capital financeiro.

Jéferson Assunção e Marco Weissheimer

Um dos grandes temas em debate no 1º Fórum Social Mundial é a globalização e seus efeitos nos países periféricos. Serão diversas oficinas, conferências e discussões, reunindo os maiores especialistas da área em todo o mundo. Os participantes do Fórum debaterão, durante estes seis dias, como é possível construir uma globalização sem exclusão social. Em Porto Alegre, as experiências democráticas formam um ambiente propício para tratar desse assunto. Desde antes do início do evento, o Fórum Social Mundial disponibiliza pela Internet (forumsocialmundial.org.br) diversos artigos tratando do tema em sua seção "Biblioteca das Alternativas". Um desses textos é Globalização Financeira e Inserção Periférica, do economista Ricardo Carneiro, professor de Economia na Unicamp.

Carneiro faz um estudo dos principais elementos formadores da globalização econômica e demonstra como suas contradições têm deixado à margem os países que não conseguem competir dentro das regras do jogo. Uma das principais características seria a crescente dependência de recursos externos, que, segundo o economista, tem trazido mais problemas do que soluções para as esfarrapadas economias destes países.

A história recente mostra o quanto aberturas totais na economia são bastante perigosas. Basta observar as dificuldades enfrentadas por países que passaram pelas grandes crises da década de 90 e que afetaram Ásia, Rússia e América Latina. E o pior: depois das crises, a volta parcial desses países ao mercado internacional ocorre em condições "piores do que as do período pré-crise, principalmente em razão da maior seletividade que tem mantido um permanente racionamento do volume de financiamento".

Sem força para competir, os pequenos só têm a perder, porque acabam se atraindo investimentos especulativos ou oportunistas, acentuando assim a volatilidade dos fluxos de capitais. Encurralados, os países

de periferia ficam cada vez mais dependentes das trajetórias dos países centrais, particularmente dos Estados Unidos. Isso os torna mais sensíveis a eventuais choques decorrentes de variações das taxas de juros ou dos preços das ações nos países centrais.

Todo este quadro sugere que mais dificuldades aguardam os países da periferia ante a economia global. "Mesmo que as hipóteses mais drásticas sejam descartadas, como a da completa exclusão da periferia, ou de uma depressão profunda da economia americana e mundial, há que se ter em conta que a instabilidade das economias centrais, típica da financeirização, irá se refletir de maneira ampliada na periferia através do aumento da volatilidade dos fluxos de capitais resultante da crise recente," explica.

Como funciona a globalização?

Ela resulta da interação de dois movimentos básicos: no plano doméstico dos países, da progressiva liberalização financeira. No plano internacional, da crescente mobilidade dos capitais. Segundo o economista, a grande maioria dos autores que analisam a ordem econômica internacional aponta esse grau de mobilidade dos capitais como o elemento central na configuração da globalização. Nesta ordem econômica, são progressivamente eliminadas as restrições a ela, e abertas fronteiras e barreiras internacionais. Mas, ao contrário do que possa ser espalhado pela imprensa mundial, a mobilidade não é um resultado natural do desenvolvimento ou um doce fruto do progresso tecnológico. Deriva de escolhas políticas e de iniciativas concretas do Estado em consonância com os interesses de determinados grupos econômicos.

Carneiro diz que a razão mais importante para o impulso à globalização foi a mudança de posição de países-chave no sistema internacional, especialmente os anglo-saxões, no final dos anos 70, quando "os Estados Unidos perdem a sua liderança tecnológica e comercial e passam a

apostar na reafirmação de sua hegemonia através de seu poderio financeiro, fundado no uso do dólar como moeda reserva pelo sistema internacional". Na esteira, vêm a Inglaterra e o Japão, duas ilhas também interessadas na liberalização dos fluxos de capitais.

A reafirmação da hegemonia norte-americana teria ocorrido após uma década de fragilização da posição desse país durante os anos 70. Para retomar sua hegemonia, os Estados Unidos lançaram mão da subida da taxa de juros, no final de 1979, o que obrigou os demais países avançados a obterem superávits comerciais para financiar os déficits da conta de capital e a realizarem políticas monetárias e fiscais restritivas, que reduzissem a absorção doméstica.

Carneiro diz que, pelo fato de os Estados Unidos serem a potência dominante em termos políticos e militares e possuírem os mercados financeiros mais amplos e profundos, a moeda americana constitui a principal reserva de valor da riqueza financeira global. "Por essa razão, a desregulação e liberalização dos mercados financeiros nos países centrais, além de atrair fluxos de capitais crescentes para os Estados Unidos, se faz acompanhar de uma crescente denominação, em dólar, das operações em outros países, tornando-o a principal moeda dos mercados financeiros globalizados".

A liberdade total para os movimentos de capital passou a ser o elemento central na constituição do novo sistema monetário internacional. Disso decorrem as principais características da economia mundial, que constituem a essência da globalização: "a centralidade do dólar; o regime de taxas de câmbio flutuantes e a livre mobilidade de capitais". O que se vê é que, na globalização, o sistema monetário-financeiro internacional é hierarquizado, e tem o dólar em seu núcleo. É a partir da moeda norte-americana, que se dá a existência de livre mobilidade de capitais e formam-se as demais taxas de juros e câmbio do sistema.



Largo Glênio Peres: totens em diversos pontos de Porto Alegre preparam a cidade para o Fórum Social Mundial

Uma década de grandes crises

Durante os anos 80, os países periféricos estiveram submetidos à crise da dívida e que consistiu num drástico racionamento do financiamento externo. "Nesse período, o financiamento adicional esteve condicionado à participação e aval de instituições multilaterais, especialmente o FMI. Assim, de uma participação de mais de 50% dos fluxos em 1975/79, os subdesenvolvidos caem para 23% no período 1985/89 e ainda assim com larga predominância dos fluxos públicos (2/3 do total dirigido a esses países)", aponta Carneiro.

Nos anos 90, os fluxos de capitais continuaram, com a incorporação ou reintegração dos países emergentes aos mercados de capitais. Um segundo aspecto são as crises do México, Ásia, Rússia, América Latina e a possibilidade de sua generalização em uma crise global contaminando inclusive os países centrais. Uma importante característica é que na retomada dos fluxos de capitais em direção à periferia, na década de 90, predominam os fluxos privados. Eles atingem um valor máximo em 1996, ano imediatamente anterior à eclosão da crise asiática. E uma característica marcante desses fluxos é sua volatilidade e "exacerbada sensibilidade às crises".

A liberalização dos mercados centrais – e posteriormente dos emergentes – através da remoção dos controles sobre o movimento dos capitais é considerada a mudança essencial promovida pela globalização. Outra característica é o processo de fusões e aquisições, incluindo a privatização. Entre as duas grandes regiões receptoras desses fluxos (América Latina e Ásia), os países asiáticos lideram as captações até 1996. Mas essa posição foi perdida, depois da crise em 1997, para a América Latina.

Nesses países, segundo o estudo de Carneiro, há várias conseqüências problemáticas dos fluxos de capitais: "a acumulação excessiva de reservas, a apreciação da



taxa de câmbio, a deterioração dos balanços bancários e o aumento da volatilidade dos mercados locais". São características que tornam esses mercados mais instáveis e, portanto, mais sujeitos à crise do que os mercados centrais.

A globalização é uma via de mão dupla e implica a saída de capitais para o exterior correspondente às aplicações financeiras dos residentes. Se o país que remete os fluxos não está produzindo um superávit comercial e se obriga a manter as reservas em um patamar elevado, a saída de capitais é financiada pela própria entrada.

Esses fatores, alerta Carneiro, sugerem uma maior vulnerabilidade dos países periféricos à volatilidade dos fluxos de capitais sob a globalização, o que pôde ser visto nas duas grandes crises econômicas da década de 90. "Significa dizer que esses países estão também mais sujeitos às crises monetário-cambiais e financeiras que podem decorrer dessa instabilidade". É daí que surgem crises como a mexicana e a asiática, deixando expostos mercados e arrasando com a vida financeira de grandes populações.

Uma estratégia local para combater a exclusão

O prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro (PT), elegeu a inclusão social como a principal pauta de sua gestão, iniciada agora em janeiro. Aproveitando a realização do Fórum Social Mundial, a prefeitura da capital gaúcha decidiu promover o Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social, nos dias 26 e 27 de janeiro, a fim de discutir políticas alternativas para a inclusão social nas cidades. Durante a entrevista coletiva que concedeu à imprensa para divulgar este evento, Tarso Genro explicitou alguns elementos de sua estratégia para combater a exclusão social, um dos temas do Fórum Social Mundial.

A idéia central é desencadear um debate, em nível internacional, sobre o papel do poder local nas políticas de inclusão social e de desenvolvimento econômico. Tarso, que participou em dezembro de um seminário promovido pelo Banco Mundial em Washington para discutir o problema da exclusão, acredita que as próprias autoridades monetárias internacionais têm mostrado uma maior preocupação com a redução da pobreza no mundo.

O material de divulgação do Fórum de Autoridades Locais apresenta elementos importantes da estratégia do prefeito de Porto Alegre para implementar sua política de combate à exclusão. O texto afirma que "o próprio discurso das autoridades monetárias internacionais, inclusive com a participação de importantes dissidentes, tem evidenciado uma preocupação com a redução da pobreza". Segundo dados do Banco Mundial, dos cerca de seis bilhões de habitantes do planeta, aproximadamente 2,8 bilhões, representando quase a metade da população mundial, vivem com menos de US\$ 2 por dia.

Tarso Genro quer discutir esta realidade com prefeitos de várias cidades do mundo, com o objetivo de debater a possibilidade de criação de uma rede de cidades, capaz de implementar um "intercâmbio de políticas de inclusão social e uma ação internacional conjunta que seja questionadora da visão macro-social dos países hegemônicos". Também faz parte de sua estratégia estabelecer um canal de comunicação com os líderes destes países hegemônicos. Para tanto, o Fórum de Autoridades Locais deverá elaborar um documento a ser entregue aos líderes do G-8 (o grupo dos oito países mais ricos do mundo), durante sua próxima reunião, que ocorrerá na cidade italiana de Gênova, em junho. A realização da Conferência Istanbul +5, no próximo ano, com o tema da carta de autonomia do poder local, destacando a importância da gestão participativa, também é considerada um avanço.

Tarso quer aproveitar a preocupação com a redução da pobreza – que tem aparecido no discurso das autoridades monetárias internacionais – e a experiência bem-sucedida dos governos petistas em Porto Alegre, para inserir a cidade no debate internacional sobre o problema da exclusão social. A realização do encontro de prefeitos pretende ser um "marco para a necessária conjugação de esforços dos governos locais, no intuito de agir politicamente, para demonstrar os equívocos da visão liberal de crescimento econômico e apontar um novo paradigma de desenvolvimento social". Ele acredita que Porto Alegre já deu passos importantes na direção da construção deste novo paradigma.

O Orçamento Participativo foi um deles. Esta prática de gestão

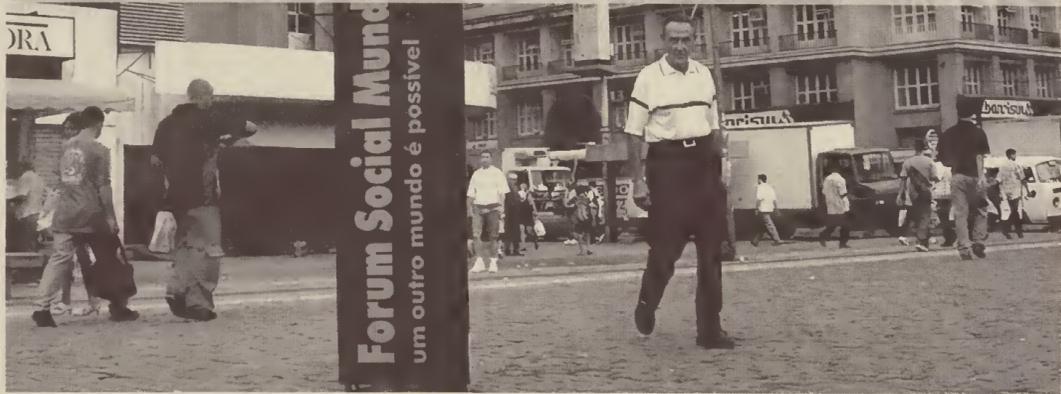
pública participativa tornou Porto Alegre conhecida internacionalmente. Mas, segundo o material de divulgação do Fórum de Autoridades Locais, o sucesso das gestões do Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre não pode ser imputado somente à experiência do Orçamento Participativo, mas "a um conjunto de ações vinculadas a uma política radical de mudança na relação do poder público com a cidadania". O que caracteriza essas ações é que o controle social exerce um papel predominante na maioria das políticas públicas implementadas pelo governo municipal.

Após doze anos de governo de esquerda, Porto Alegre tornou-se referência de um modelo alternativo de desenvolvimento econômico e social para muitos países e governos locais no mundo. A relação com o movimento social e comunitário e a criação de uma esfera pública não-estatal, cuja principal expressão é justamente o Orçamento Participativo, contribuíram decisivamente para a construção desta referência internacional. Jornalistas de vários países têm vindo a Porto Alegre para conhecer a experiência do OP. Esta procura deverá se intensificar durante o Fórum Social Mundial. Uma equipe do Canal +, da França, por exemplo, produzirá um documentário de uma hora sobre Porto Alegre, com destaque especial para o "budget participatif".

Tarso Genro pretende radicalizar este processo e aumentar o campo de atuação política do poder local. Ele acredita que a relação direta entre as cidades e destas com organismos internacionais significa um avanço para a definição de políticas mais próximas às necessidades dos cidadãos das áreas urbanas. A ampliação do papel do poder local é um elemento fundamental de sua estratégia. O texto de divulgação do Fórum de Autoridades Locais afirma que "o papel do poder local na solução destes problemas nunca foi tão relevante, pois apesar da autonomia dos governos dessas cidades ser insuficiente, o cidadão enxerga nas autoridades locais o agente governamental como portador das melhores condições instrumentais para intervir de forma mais efetiva em seu cotidiano".

Apesar de reconhecer que as cidades não são ilhas e que nelas se refletem todos os efeitos do modelo econômico liberal vigente, o prefeito de Porto Alegre acredita que os governos municipais podem desenvolver uma política favorável ao desenvolvimento econômico ou, pelo menos, manter uma política não recessiva, contribuindo para ampliar a geração de emprego e renda no país. Seria uma forma de contrabalançar as características negativas do atual modelo de crescimento econômico.

De acordo com a estratégia que será implementada na atual gestão da prefeitura de Porto Alegre, o sucesso desta política de valorização do poder local depende de sua eficácia, "o que na prática só ocorre quando um governo está mais próximo da sociedade, através da adoção de mecanismos que capturem seus anseios e suas prioridades", conforme afirma o texto de divulgação do Fórum das Autoridades Locais. Através da aplicação destas diretrizes gerais, Tarso Genro acredita que seja possível ampliar a possibilidade de acesso direto do poder local aos organismos internacionais e construir um debate mundial mais consistente sobre os efeitos do modelo econômico vigente.



FÓRUNS PARALELOS

Autoridades locais debatem políticas de inclusão social

Vanessa Martins

Dos seis bilhões de habitantes do planeta, pelo menos 2,8 bilhões vivem com menos de dois dólares por dia, segundo relatório do Banco Mundial. Em 1987, de cada 100 latino-americanos, 15,3 viviam com menos de um dólar por dia. Onze anos depois, após a aplicação do receituário neoliberal no continente, essa cifra subiu para 15,8%.

Dados como esses e seus respectivos remédios serão o centro das discussões no Fórum de Autoridades de Poder Local, evento paralelo ao Fórum Social Mundial (FSM). Proposto pela Prefeitura de Porto Alegre como forma de debater os meios que os governos locais têm para atuar de modo mais direto na vida econômica das pessoas, minimizando os efeitos da globalização neoliberal, o encontro deverá reunir cerca de 150 prefeitos de cidades brasileiras, espanholas, francesas, argentinas, italianas, portuguesas e uruguaias.

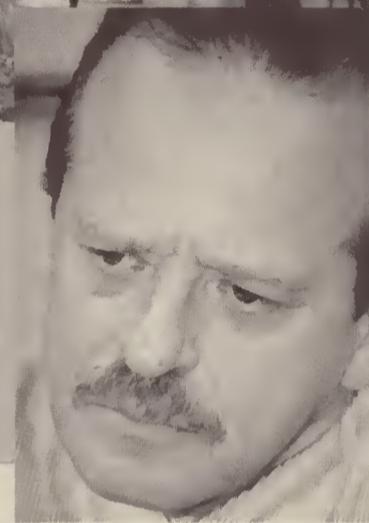
Um dos pilares dos debates será a experiência de democracia direta em Porto Alegre, baseada no Orçamento Participativo. "A realização da conferência Istambul+5 no próximo ano com o tema da carta de autonomia do poder local, destacando a importância da gestão participativa, também pode ser considerada um avanço", diz o documento de organização do evento, lembrando que o momento político atual é propício às experiências de democracia direta.

"Diferente do FSM – que é um evento feito em Porto Alegre por organizações mundiais para discutir as consequências da globalização nos países pobres do planeta – o Fórum de Autoridades Locais é um evento de Porto Alegre para o mundo", afirma o anfitrião, prefeito Tarso Genro.



Os debates do Fórum de Autoridades Locais serão abertos no dia 26 de janeiro, no hotel Deville (Avenida dos Estados, 1909), com a presença do prefeito Tarso Genro. No sábado, dia 27, dois painéis: "A dimensão da pobreza nas cidades e políticas de inclusão social a partir das cidades" e o "fortalecimento das associações e redes de cidades". No encerramento do encontro, será redigida a "Carta de Porto Alegre", contendo as deliberações e propostas avaliadas nos debates do Fórum de Autoridades Locais. O documento será apresentado na próxima reunião do G8 (grupo dos países mais ricos do mundo), em Gênova, na Itália, em junho deste ano.

Tarso Genro:
Fórum das Autoridades vai debater meios de minimizar os efeitos da globalização neoliberal em âmbito local



EMIR SADER

Por que Porto Alegre e não Davos?

O mundo tem dois compromissos contraditórios no próximo dia 25: em Davos, no inverno suíço, ou em Porto Alegre, no verão brasileiro. A afirmação é do sociólogo Emir Sader, que escreveu um contraponto ao editorial do jornal O Globo (15.01.2001) sobre o Fórum Social Mundial. Estes compromissos, segundo ele, envolvem uma escolha política relacionada ao atual modelo de globalização. O editorial de O Globo, intitulado "Perda de tempo", critica os adversários da globalização. Diz que os seus críticos tratam dela como se tudo fosse uma grande conspiração internacional destinada a manter o atual modelo, que estabelece um fosso intransponível entre países ricos e pobres. E admite que o encontro pode ser positivo caso se limite a ser um fórum de debates e não um movimento político antiglobalização. O editorial isenta, ainda, organizações internacionais como FMI, Banco Mundial e OMC de responsabilidade pelos efeitos perversos da globalização. Elas não teriam controle do processo e, por isso, seriam incapazes de neutralizar impactos negativos dos mercados globalizados.

Em seu contraponto, Emir Sader enfatiza justa-

mente o caráter político do Fórum Social Mundial e destaca as diferenças entre Porto Alegre e Davos. O sociólogo diz que os dois encontros têm significados radicalmente opostos. Em Davos, diz ele, estarão presentes os donos do mundo, responsáveis pela atual ordem econômica, dominada por capitais especulativos e grandes corporações. Para Sader, o Fórum de Davos não é um encontro inocente. Entre aqueles que participam do evento, diz o sociólogo, é possível encontrar vários dos responsáveis pelas maiores fortunas do mundo, fugas maciças de capitais, grandes escândalos financeiros, contrabando de armas e tráfico de drogas. Além disso, acrescenta, reúne governantes que aceitam renunciar à soberania de seus países em função do ingresso de capitais especulativos que estabilizam magicamente suas moedas, às custas de multiplicar a dívida pública por dez. E, por fim, reúne aqueles que são vistos todos os dias nos meios de comunicação, fazendo a apologia da globalização, que tem aumentado brutalmente a concentração de renda no mundo.

O contraponto de Emir Sader ao editorial do jornal O Globo identifica os critérios envolvidos na escolha entre

Davos e Porto Alegre. Optarão pela última, segundo ele, todos aqueles que estiverem descontentes com os rumos tomados pelo mundo em que a maioria dos governantes renunciou às responsabilidades públicas dos governos e se entregou à lógica dos mercados; aqueles que não aceitam que a lógica do custo/benefício, a lei do mais forte, a luta de todos contra todos, domine a relação entre as pessoas. Enfim, a escolha por Porto Alegre é uma escolha daqueles que acreditam que o mundo não é uma mercadoria e que o essencial não tem preço.

Um dos principais objetivos do Fórum Social Mundial, argumenta Emir Sader, é demonstrar que o melhor da humanidade resiste ao reinado do dinheiro, à mercantilização avassaladora da vida das pessoas, da cultura, da ciência, da educação, da saúde, dos meios de informação e de comunicação. Durante os seis dias do Fórum, estas pessoas estarão reunidas, não para denunciar uma conspiração internacional (como afirma "O Globo"), mas para trocar idéias e experiências e para começar a construir propostas comuns que façam com que o lema geral do evento – "Um outro mundo é possível" – comece a se tornar realidade.

ALTERNATIVAS

Os desafios em busca de uma governança global

A realização do Fórum Social Mundial em Porto Alegre será uma oportunidade para, entre outras coisas, debater a proposta de constituição de uma articulação internacional de nações, que seria o embrião de uma espécie de governo mundial. O ceticismo ainda é grande, mas cresce a cada ano o número de pessoas e entidades interessadas na proposta. Um exemplo é o trabalho realizado pelo Núcleo de Pesquisa sobre Governança Global da Ufrgs, coordenado pelo professor Farhang Sefidvash, do Departamento de Engenharia Nuclear. Há alguns anos, Sefidvash vem participando deste debate em nível internacional.

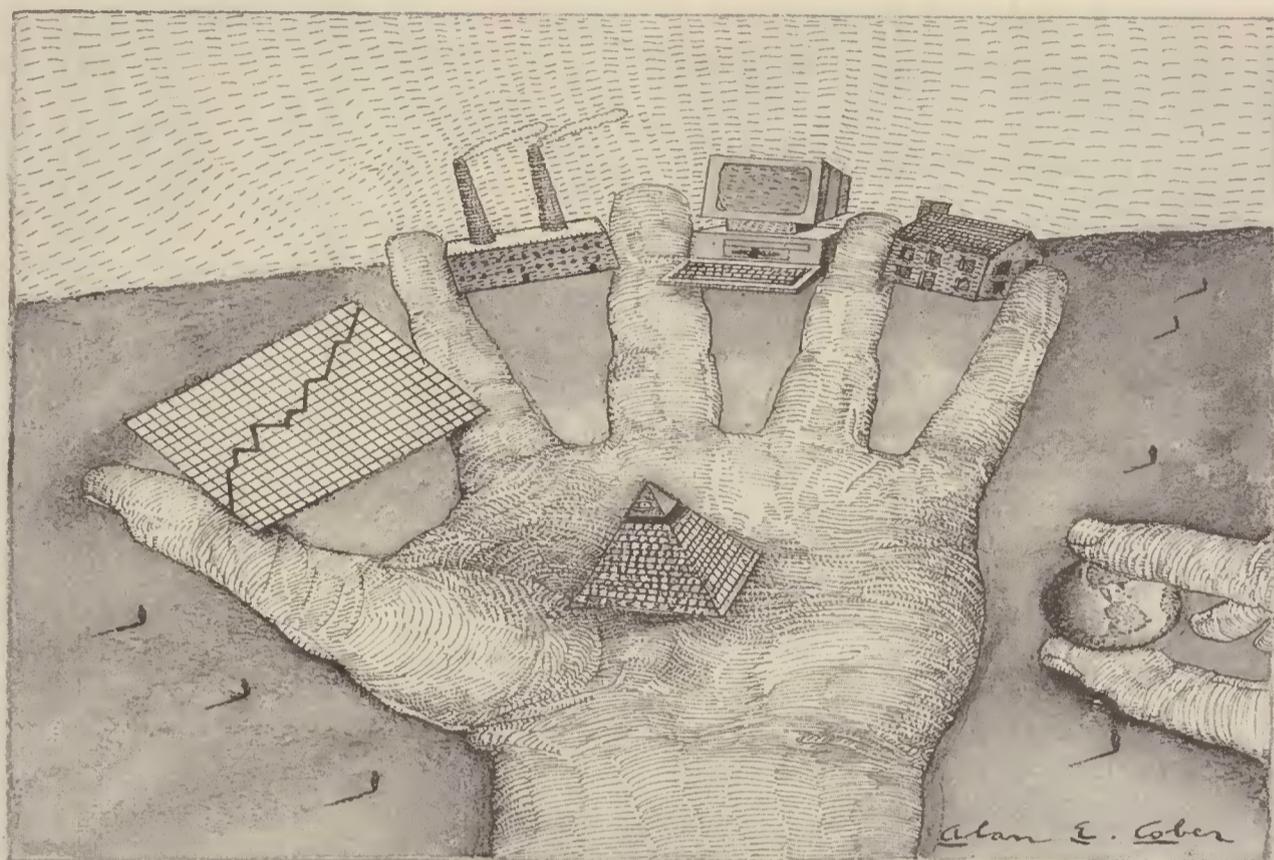
A comemoração dos 50 anos de fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1995, foi marcada por uma profunda avaliação das atividades da instituição e das mudanças ocorridas neste período no relacionamento entre as nações. Entre o conjunto de entidades que participaram desta avaliação, destacaram-se as atividades da Comissão para a Governança Global, um grupo independente, formado por 28 líderes e intelectuais de diversas partes do mundo. Desde então, a tarefa do grupo tem sido sugerir caminhos e alternativas para a construção de uma comunidade global. O trabalho de dois anos e meio desta comissão produziu um relatório em forma de livro intitulado "Our Global Neighborhood" (Oxford University Press, 1995), publicado no Brasil pela Fundação Getúlio Vargas, sob o título de Nossa Comunidade Global.

A noção de "governança" foi definida por esta comissão como sendo "a totalidade das diversas maneiras pelas quais os indivíduos e as instituições, públicas e privadas, administram seus problemas comuns". Trata-se de um processo contínuo, através do qual procura-se harmonizar interesses conflitantes ou diferentes e realizar ações cooperativas. Ela não equivale necessariamente ao conceito de governo mundial. Sua ênfase está colocada mais na necessidade da busca por valores comuns, uma ética cívica global e uma liderança inovadora capaz de levar os países à constituição de uma comunidade mundial. Entre suas propostas estão a promoção da segurança dos povos e do planeta, o gerenciamento da economia global, a reformulação da ONU e a criação de instrumentos jurídicos que garantam a aplicação das leis mundialmente.

Princípios globais

Os defensores da idéia da governança global acreditam que o fenômeno da globalização no estado atual está quase que totalmente restrito à interligação econômica. A ausência de regras, éticas ou princípios globais seria o principal fator responsável pela dificuldade em interligar os povos numa comunidade global não comandada predominantemente pela lógica do capital e da mercadoria.

A idéia da governança global não tem encontrado grande repercussão entre os partidos políticos brasileiros. Em 27 de junho de 1996, a Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados chegou a aprovar uma resolução dirigida ao presidente da República para que o Brasil propusesse à Organização das Nações Unidas a realização de uma conferência internacional sobre a governabilidade mundial. Conforme o texto desta resolução, a conferência deveria "dar início a um novo estágio da história da humanidade, no qual o princípio da unidade do gênero humano torne-se um ideal factível e duradouro". Muito pouco foi feito neste sentido, desde então. Agora, o Fórum Social Mundial está



sendo vista como uma ótima oportunidade para retomar este debate.

O Núcleo de Pesquisa sobre Governança Global, da Ufrgs, vem trabalhando no sentido de divulgar os objetivos do projeto de constituição de uma comunidade mundial de nações. Entre eles, está a compreensão da governança global como processo capaz de contribuir para a unidade e a paz mundial e a formação de um Acervo de Pensamentos (*Think Tank*) que conteria propostas de soluções para os problemas da humanidade, segundo variados pontos de vista. Este Acervo de Pensamentos seria dividido nas seguintes áreas: prosperidade global, segurança global e paz mundial, governança econômica, reforma da ONU, desenvolvimento moral, direitos humanos, situação da mulher, globalização das atividades nucleares e ecologia.

Os defensores da idéia da governança global defendem uma redefinição do conceito de desenvolvimento. Para eles, o desenvolvimento econômico e social baseado exclusivamente em concepções materialistas não tem sido capaz de atender às necessidades da espécie humana. Para reverter este quadro, seria preciso construir uma visão da prosperidade humana no sentido mais pleno da palavra: um despertar para as possibilidades de bem-estar espiritual e material hoje ao nosso alcance. No atual modelo de globalização, a prosperidade é cada vez mais para poucos e, mesmo para estes, de qualidade duvidosa.

Reforma da ONU

Outra questão fundamental para os partidários desta proposta é a da segurança global. A aceleração do processo de globalização nos últimos anos, embora ainda um tanto restrito à esfera econômica, vem estreitando progressivamente as relações entre os povos. De fato, a história da humanidade, compreendida como um único povo, está apenas começando. Assim, o conceito de segurança global precisa ser ampliado do tradicional foco na segurança dos estados para incluir a segurança de todo o planeta.

Mas todas estas idéias dependem, em boa medida, de uma profunda mudança na forma de organização e de atuação da Organização das Nações Unidas. O trabalho realizado pela Comissão para a Governança Global, em 1995, concluiu que esta reforma deve refletir as novas configurações das relações internacionais, como por exemplo, a maior força política de entidades e representantes da sociedade civil. Mas a resistência a uma tal reforma é muito grande, principalmente por parte dos Estados Unidos, que não parecem muito dispostos a diminuir sua influência política e econômica sobre o resto do planeta.

Mas é inegável que, com as mudanças ocorridas nos últimos 50 anos, a comunidade global é cada vez mais uma realidade que mostra um mundo onde os cidadãos estão mais e mais enredados em situações de interdependência, que colocam a cooperação como uma necessidade inadiável. Se a sociedade global possui cada vez mais problemas comuns (como os problemas ambientais e de segurança alimentar, por exemplo), as soluções também devem ser comuns e, para isso, é preciso aperfeiçoar os mecanismos institucionais de elaboração de soluções e de fiscalização de sua implementação.

O Núcleo de Governança Global é aberto à comunidade e seus membros provêm das mais variadas áreas. Uma de suas principais tarefas consiste em recolher e sistematizar as propostas de soluções para os problemas sociais, políticos e econômicos que afetam o planeta como um todo. O Núcleo oferece cursos de extensão, organiza conferências, seminários, palestras e oficinas multidisciplinares, podendo ainda associar-se a programas de pós-graduação para orientar teses de mestrado e doutorado.

Maiores informações podem ser obtidas no site do Núcleo (www.rcgg.ufrgs.br), ou diretamente com seu coordenador em Porto Alegre, o professor Farhang Sefidvash, no Departamento de Engenharia Nuclear da Ufrgs (Av. Osvaldo Aranha 99, 4º andar) ou pelo telefone 316.3554.

LE MONDE DIPLOMATIQUE

Uma outra globalização, não-excludente



Ignacio Ramonet*

O novo século começa em Porto Alegre. Todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, criticam a globalização neoliberal vão se reunir, de 25 a 30 de janeiro, nesta cidade localizada no sul do Brasil, para promover o 1º Fórum Social Mundial. Não para protestar, como ocorreu em Seattle, Washington, Praga, contra as injustiças, as desigualdades e os desastres provocados em todos os recantos do mundo pelos excessos do neoliberalismo. Mas para tentar, a partir de um espírito construtivo e positivo, propor um quadro teórico e prático que permita vislumbrar uma globalização de um novo tipo e afirmar que um outro mundo – menos desumano e mais solidário – é possível. Esta espécie de Internacional rebelde se reunirá em Porto Alegre no mesmo momento em que ocorre em Davos, na Suíça, o Fórum Econômico Mundial, evento que congrega há algumas décadas, os novos mestres do mundo e, em particular, todos aqueles que pilotam concretamente a globalização. Eles não escondem mais sua inquietude. Estão levando a sério os protestos de cidadãos que, de Seattle a Nice, vem ocorrendo sistematicamente em todos os encontros das grandes instituições que, de fato, governam o mundo: Organização Mundial do Comércio, Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, G7 e a própria União Européia.

No ano passado, os protestos em Seattle já haviam impressionado profundamente os participantes do Fórum de Davos. A cada ano, notou, por exemplo, um jornalista, um tema ou uma personalidade é a vedete do Fórum Econômico Mundial. Em 2000, a vedete de Davos foi, indiscutivelmente, Seattle. Foi o assunto mais falado do encontro. Conscientes do déficit democrático que acompanha a globalização, alguns defensores do modelo dominante não hesitam em reclamar que se reflita seriamente para modificar, em um sentido mais democrático, as normas e os procedimentos da globalização. O próprio presidente do Federal Reserve (o Banco Central dos Estados Unidos; e, por que não dizer, do mundo), Alan Greenspan, afirmou recentemente que "as sociedades não podem ter sucesso quando setores significativos percebem seu funcionamento como injusto".

Vindos dos quatro cantos do planeta, estes "setores significativos" que se opõem à atual barbárie econômica e recusam o neoliberalismo como "horizonte intransponível" vão tentar, dentro de um espírito sem dúvida inovador, lançar as bases de um verdadeiro contra-poder mundial em Porto Alegre. Por que precisamente nesta cidade? Porque Porto Alegre tornou-se, há alguns

anos, uma cidade emblemática. Capital do Rio Grande do Sul, o Estado mais meridional do Brasil, situada na fronteira com Argentina e Uruguai, Porto Alegre é hoje uma espécie de laboratório social que os observadores internacionais olham com uma certa fascinação.

Governada de maneira original, há 12 anos, por uma coalizão de esquerda liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), esta cidade vem conhecendo um desenvolvimento espetacular em muitos domínios (transporte coletivo, meio ambiente, reciclagem de lixo, centros de saúde, saneamento básico, alfabetização, escolas, cultura, segurança, etc.). O segredo deste sucesso? O orçamento participativo, ou seja, a possibilidade que os habitantes dos diferentes bairros da cidade têm de definir concreta e democraticamente a destinação dos recursos públicos municipais. Isto significa decidir qual tipo de infraestrutura eles desejam criar ou aperfeiçoar e cria a possibilidade de acompanhar passo-a-passo a evolução dos trabalhos e o percurso dos investimentos financeiros. Deste modo, nenhum desvio de fundos é possível e os investimentos correspondem exatamente às aspirações majoritárias das populações dos bairros.

Esta experiência política ocorre, é preciso destacar, em uma atmosfera de total liberdade democrática, em confrontação com uma vigorosa oposição política de direita. O PT não controla os grandes jornais locais nem a rádio e muito menos a televisão, todos eles nas mãos de grandes grupos midiáticos aliados ao patronato hostil ao Partido dos Trabalhadores. Além disso, em função da Constituição Federal brasileira, o PT tem margens de autonomia política fortemente restritas e, especialmente em matéria fiscal, não pode legislar segundo sua vontade. A satisfação dos cidadãos é tal que, em outubro de 2000, o candidato do PT, Tarso Genro, foi eleito prefeito com mais de 63% dos votos.

Nesta cidade, onde desabrocha uma nova forma de democracia, o Fórum Social Mundial tentará lançar as bases de uma outra globalização que não exclua mais os povos. O capital e o mercado repetem, há dez anos, que, contrariamente ao que afirmam as utopias socialistas, são eles, e não as pessoas, que fazem a história e a felicidade dos homens. Em Porto Alegre, neste século que começa, alguns novos sonhadores lembrarão que, não só a economia, mas a crise das desigualdades sociais, a preocupação com os direitos humanos e a proteção do meio-ambiente também são temas mundiais. E cabe aos cidadãos do planeta tomar estes temas em suas mãos.

*Diretor do jornal francês Le Monde Diplomatique.
Editorial da edição de janeiro de 2001



Pedras para construir um novo mundo

Há um velho ditado que diz: "até as pedras podem nos dar sermões". Este ditado vai adquirir

uma singular realidade em Porto Alegre, durante a realização do Fórum Social Mundial, de 25 a 30 de janeiro. Os chineses trarão a Porto Alegre uma pedra de Pequim com uma inscrição sobre a cidadania. Kolyang Palebele, do Chad, trará uma pedra com a inscrição "Viva a solidariedade para lutar contra a fome". Adrian Civici vai gravar um pedaço de pedra proveniente de antigos bunkers que povoam a paisagem albanesa. Fernando Rosero trará uma pedra vulcânica do Equador. Agricultores da região do Larzac e habitantes de Millau, na França, trarão juntamente com o líder da Confederação Camponesa, José Bové, duas pedras gravadas, uma delas com a inscrição "a terra para a vida". Do Vietnã, virá uma pedra trazida por Dao the Tuan. A cada dia, surgem novas confirmações do mundo inteiro, de movimentos sociais e de pessoas que virão ao Fórum Social Mundial, e que trarão uma pedra gravada para construir um mosaico da cidadania em Porto Alegre.

Primeiro esforço internacional para articular a resistência ao atual modelo de globalização e a busca de alternativas, o Fórum Social Mundial também será marcado por expressões simbólicas e artísticas. Uma delas ficará gravada no solo de Porto Alegre. Trata-se da construção do Mosaico da Cidadania, uma proposta da Associação Livro das Pedras da Cidadania para o Século XXI, a partir de uma idéia do escultor francês Eric Théret. Para que se realize, será necessária a colaboração de centenas de pessoas. Cada uma deverá levar ao Fórum uma pedra, de preferência gravada em sua língua e na escrita correspondente.

Um símbolo de perenidade

A escolha do elemento não é casual. Numa sociedade marcada pelo fugaz e pelo culto à mercadoria, Théret quer resgatar a pedra – ao mesmo tempo símbolo de perenidade e elemento presente em todas as culturas humanas. Pretende acrescentar a elas um aspecto de modernidade e de luta pela transformação social. O escultor sugere que os participantes do Fórum levem a Porto Alegre pedras que tragam inscrições relativas a sua identidade étnica e cultural, e se possível aos movimentos em que participam.

A partir da experiência de Porto Alegre, Théret e Pierre Vuarin, da Fundação pelo Progresso do Homem, pretendem construir, em diversas partes do planeta, um Livro de Pedra do Século 21. A cada quatro anos serão construídas, em algum país, quatro páginas. Um comitê escolherá quatro movimentos ou iniciativas em favor de uma cidadania planetária, e uma página de pedra será consagrada a cada um deles. O conteúdo das páginas será difundido em várias línguas na internet, possibilitando um diálogo internacional sobre o desen-

volvimento do projeto.

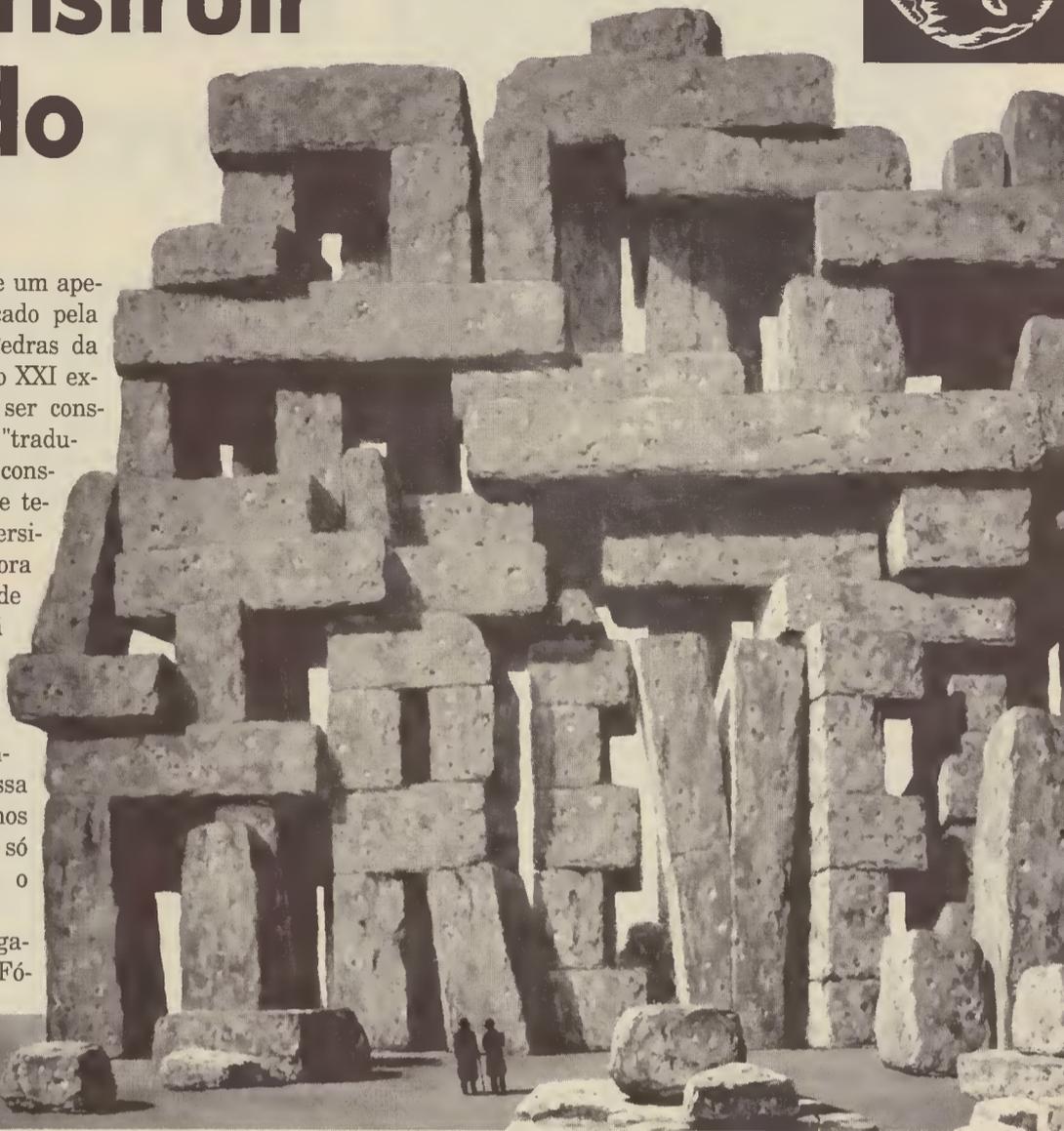
Redigido na forma de um apelo, um documento lançado pela Associação Livro das Pedras da Cidadania para o Século XXI explica que o mosaico a ser construído em Porto Alegre "traduzirá nossa vontade de construir uma sociedade que tenha em conta nossa diversidade e que seja portadora de responsabilidade e de solidariedade. Traduzirá ainda nosso desejo de estabelecer uma ligação com as civilizações do passado e as do presente (...) mas também nossa vontade de nos projetarmos concretamente, e não só através da Web, para o século 21."

De acordo com os organizadores, durante o Fórum Social Mundial, a sociedade civil vai implementar um espaço e um tempo de debates, de intercâmbios e de elaboração de propostas e de estratégias para o futuro. Através da articulação deste novo espaço de caráter internacional pretende-se lançar as bases para a construção de um século 21 mais civilizado e mais respeitoso do ambiente e das gerações futuras. O movimento aposta na renovação dos movimentos sociais e de cidadania em todo o planeta.

Uma sociedade civil mundial

Através dos projetos do mosaico da cidadania e do livro de pedra, pretende-se exprimir simbolicamente, e de maneira concreta, a irrupção em nível mundial da sociedade civil e social. Esse é o sentido de realizar uma obra coletiva, artística e simbólica em Porto Alegre. Daí o apelo mundial para que cada participante do Fórum Social traga ou envie a Porto Alegre, uma pedra, de preferência gravada em sua língua e na escrita que lhe corresponde, para que seja o testemunho de um movimento social ou de cidadania de uma organização da sociedade civil. Com esse conjunto de pedras, será construído o mosaico da cidadania em Porto Alegre, lugar do primeiro grande encontro da sociedade civil, neste começo do século 21.

A idéia de construir o mosaico pretende, entre outras coisas, traduzir a vontade de construir uma sociedade que leve em conta a diversidade dos povos e que seja



portadora de responsabilidade e de solidariedade. Pretende ainda traduzir o desejo de estabelecer uma ligação com as civilizações do passado e as do presente que se inscreveram na pedra. Os organizadores do projeto querem aproveitar a criação do mosaico para lançar uma grande iniciativa para o século 21.

Esta iniciativa quer esculpir em pedra, ao longo do século que inicia, a história dos movimentos mais significativos e portadores de um novo paradigma civilizatório. Também deseja apoiar a formação de redes de intercâmbio entre iniciativas de movimentos sociais do mundo inteiro e trabalhar para a formação de líderes sociais. Um de seus objetivos centrais é tornar acessível, ao maior número de pessoas, a história e a realidade destes movimentos para que cada pessoa tenha a possibilidade de enriquecer-se com este patrimônio mundial.

As pedras simbolizarão o início deste movimento de cidadania mundial. Pierre Vuarin, um dos organizadores do projeto, pede que as pedras tenham, de preferência, de 3 a 5 centímetros de espessura, e que tenham a forma mais variada possível.

Quem estiver interessado em maiores detalhes sobre o projeto do mosaico da cidadania, pode entrar em contato com os organizadores através dos endereços: 21@stonepages.org ou pvuarin@fph.fr.

ORELHA



A Cocanha José Clemente Pozenato

Novela do escritor gaúcho autor de O Quatrilha. O termo cocanha, documentado pela primeira vez no século XII, designa um modelo de sociedade utópica relacionado com a fartura e a fruição de prazeres materiais.

Editora Mercado Aberto, 371 p.



Esse Ofício do Verso Jorge Luis Borges

Seis palestras do escritor argentino proferidas em Harvard, em 1967-1968, dentro das célebres Conferências Norton. Publicadas em 2000, ficaram mais de 30 anos esquecidas em um cofre na universidade americana.

Companhia das Letras, 159 p. R\$ 19,00.



A migalha e a fome Maria Carpi

Livro de poemas tendo como tema a fome. Nascida em 1939, Maria Carpi só estreou na literatura em 1990.

Os poemas aparecem nos capítulos A Lavoura da Fome, A Página Branca e a Migalha, A Cozimento do Faminto e Ode de Amor e Fome.

Editora Vozes, 166 p. R\$ 16,00.

WWW

Arte

www.artchive.com
Sítio com grande acervo de pinturas e esculturas do mundo todo, divididos por períodos e nomes dos artistas.

Poesia

www.carlosdrummond.com.br
Sítio com poemas, biografia e fotos do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

Uma nova imprensa para um novo mundo

O jornalista paulista Antonio Martins, 39 anos, coordena o conteúdo editorial da página na internet do Fórum Social Mundial (www.forumsocialmundial.org.br). Integrante da equipe de jornalistas do Le Monde Diplomatique-Brasil e editor da agência de jornalismo Carta Maior, Martins é criador, junto com outros profissionais, da Ciranda Internacional da Informação Independente (CIIIn). Entre as características em comum dessas iniciativas está a revisão do papel dos jornais e seu tratamento de questões econômicas, políticas e sociais. O objetivo é criar uma nova imprensa brasileira: independente, solidária, democrática e, estabelecer uma relação menos mercantilista com a informação.

Jéferson Assunção

Martins: "as pessoas estão querendo ler críticas, acabou a fase do oba-oba"

AD verso **Que avaliação você faz do trabalho da imprensa na divulgação do Fórum Social Mundial?**

Antonio Martins - Acho que os grandes meios de comunicação, aqueles que a gente chama de jornais de mercado, estão com uma posição cuidadosa em relação ao Fórum. Neste primeiro momento, há duas posições que destoam um pouco disso. Uma, mais localizada em Porto Alegre, tenta dizer que o Fórum é uma besteira porque a Prefeitura e o governo do Estado vão gastar dinheiro com ele... Não percebem que mesmo do ponto de vista financeiro é um investimento corretíssimo, que vai projetar Porto Alegre e gerar, inclusive, oportunidades de relações e parcerias com órgãos internacionais imensamente mais importantes ou relevantes que o gasto que vai ser feito. Outra é a tendência de dizer que o Fórum não vai servir para nada, que as pessoas vão se reunir, vindas de todas as partes do mundo, mas não vão decidir nada. Essa crítica, que começa a ser esboçada em alguns artigos e editoriais, desconhece que o Fórum não é o desfecho e sim o grande começo de um movimento que já se expressa nas manifestações do mundo inteiro contra o neoliberalismo e que precisa construir um programa. Como somos democráticos, esse programa tem que ser construído por milhares de cabeças, e não vai ser aqui no Fórum. Daqui sairão as primeiras iniciativas.

Adverso - E a imprensa internacional, como está tratando o evento?

Martins - O pessoal do Le Monde Diplomatique diz que a cobertura de Porto Alegre vai ser muito superior à de Davos, o que mostra a importância da iniciativa. Mesmo sendo um encontro dos movimentos sociais, que não reúne figurões como os de lá, as atenções estão concentradas aqui, porque o que vai sair aqui é a grande novidade.

Adverso - Por onde anda atualmente a discussão sobre a construção de uma imprensa alternativa no País?

Martins - Acho que é um processo de reconstrução, que começa a ocorrer, e até com relativa rapidez. Temos publicações como a Caros Amigos, a edição brasileira do Le Monde Diplomatique e, agora, em substituição à Bundas, será lançado o Pasquim 21. Existem, também, iniciativas até mais ousadas do ponto de vista das relações estabelecidas, como a Ciranda Internacional da Informação Independente (CIIIn). No próprio Fórum, vai ocorrer uma oficina sobre o Centro de Mídia Independente, uma coisa de caráter menos jornalístico, mas também muito ligado à informação daquilo que acontece nos movimentos sociais.

Adverso - A construção de uma nova imprensa passa, também, pela conscientização do jornalista?

Martins - Durante anos os jornalistas foram muito influenciados pelo neoliberalismo. Isso foi decisivo para a

construção do próprio pensamento único. Havia um sentimento de entusiasmo com o neoliberalismo, como se aquilo fosse uma superação do passado em termos positivos e sem ver suas conseqüências no aumento das desigualdades, do fosso entre os países ricos e os países pobres, e dos ataques ao ambiente e direitos sociais. Até 1997, quando a hegemonia do neoliberalismo era maior, antes de ter começado a crise asiática e ficarem mais claros os fenômenos da globalização, existia, também nas redações, uma hegemonia dessas idéias. Mas é muito nítido, hoje, que há um incômodo em relação a isso, e mais forte nas faculdades de jornalismo, o que é um ótimo sinal. Mas acho que passa também pela construção de outros meios de comunicação, porque por mais que haja jornalistas conscientes na grande imprensa, a grande imprensa é uma máquina de construir mentiras. Assim como a empresa capitalista em geral é dominada por um modo de organização do trabalho, ela não favorece o trabalhador, mas o dono da empresa. Então, isso vai continuar existindo nas grandes redações e emissoras de tevê, embora seja superimportante haver jornalistas críticos. Só que ao mesmo tempo que é preciso conscientizar os jornalistas, é preciso construir meios de comunicação que obedeçam a

“ Durante anos, os jornalistas foram influenciados pelo neoliberalismo ”

uma outra relação. É um pouco a idéia da CIIIn. Ela não é um outro meio de comunicação. Ela procura multiplicar a força dos meios de comunicação independentes, através do trabalho coletivo, da apropriação coletiva do trabalho de cada um.

Adverso - Como vai funcionar a CIIIn? É uma estrutura montada só para o FSM?

Martins - A Ciranda é uma rede de jornalistas e publicações independentes, que funciona com base em dois pilares. Um político-ideológico, pelo fato de ela ser uma alternativa à mercantilização do saber, à política dos direitos autorais e da propriedade intelectual, dos royalties. Nós estamos apresentando para o Fórum uma alternativa a isso, que é o saber compartilhado, a produção intelectual compartilhada, que é a grande novidade. Os participantes da Ciranda se comprometem a permitir que o trabalho de cada um deles possa ser utilizado por todos, ou seja: sou autor de meu texto, mas este texto pode ser utilizado pela minha publicação e por todas as outras existentes na CIIIn. E aí entra o pilar prático: a grande maioria dos meios de comunicação populares, alternativos, que virão a Porto Alegre, tem uma capacidade de cobertura muito pequena. São poucas as publicações que podem deslocar um jornalista e um fotógrafo a Porto Alegre, pelas despesas que isso acarreta. Transporte, hotel, tudo. E a capacidade de co-

bertura de um jornalista em Porto Alegre é muito pequena, porque isso aqui vai ser um mundo. Vai haver pela parte da manhã quatro grandes conferências simultâneas. À tarde umas 50 ou 60 conferências simultâneas, atividades na PUC, na Ufrgs, no Centro de Porto Alegre: é impossível! Um jornalista vai ser uma gota de água num oceano. Através da Ciranda, cada jornalista poderá fazer sua própria cobertura, aquela entrevista especial que é a sua pauta, mas ao mesmo tempo reproduzir na sua publicação qualquer matéria produzida pelos demais participantes. Esse é o grande benefício prático. Vai multiplicar a capacidade de cobertura de cada publicação.

Adverso - Quantos jornalistas farão parte da CIIIn?

Martins - Até o Fórum, acho que teremos umas 100 ou 200 pessoas ligadas à Ciranda. O site vai ser o acervo da CIIIn. Cada jornalista receberá uma senha e poderá enviar as suas matérias pela própria Internet. Todas as matérias ficarão disponíveis no site do Fórum tanto para os próprios jornalistas quanto para a sociedade em geral. Essa é uma outra característica do esforço para reconstruir uma imprensa independente.

Adverso - E a Carta Maior?

Martins - A Carta Maior é uma agência de notícias brasileira que pretende se transformar em uma agência de notícias semelhante a outras que existem no mundo, voltada para o público geral, mas também para os jornais. Seu objetivo é oferecer matérias para os jornais dos movimentos sociais. Começa com um corpo de colunistas importantes, pessoas como Emir Sader, José Luiz Fiori e Marco Aurélio Garcia. No momento, terá uma redação pequena, composta de três ou quatro pessoas, e o foco editorial é a construção de um país e de um mundo novo, fazendo a crítica da globalização e quais as suas conseqüências. Estará disponível a partir do começo de fevereiro no site www.cartamaior.com.br. Uma das seções será destinada à construção de um projeto alternativo, que vai acompanhar com atenção fatos políticos, econômicos e sociais. Ela poderá ser reproduzida, no mesmo espírito da CIIIn, por publicações de todo o País.

Adverso - O que falta para a consolidação de uma imprensa independente?

Martins - Depende um pouco da consolidação de um projeto alternativo para a sociedade e para cada país. Este tipo de imprensa está se fortalecendo porque o clima político mudou. As pessoas estão querendo ler críticas, acabou a fase do oba-oba. A possibilidade de isso se ampliar ainda mais está muito relacionada com as possibilidades do movimento de resistência e de construção de alternativas e da conjuntura continuarem evoluindo favoravelmente. Ao mesmo tempo, a existência de uma imprensa independente é uma condição indispensável para que esse movimento avance. A informação é essencial para a formação das consciências. Então, com essas iniciativas, a gente está contribuindo não só para a criação de uma nova imprensa mas para a luta por um mundo novo também.